

O Estatuto De Positividade: Processos De Subjetivação E A Estocagem Da Angústia¹

Arlete Nery²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

A presente pesquisa pretende se debruçar e analisar o discurso da positividade nas redes sociais, tendo como um de seus objetos empíricos as postagens e/ou comentários de perfis abertos no Instagram. Tentar-se-á, a partir desta análise, considerar o quanto esses discursos interferem no dia a dia dos sujeitos, servindo como estratégia de silenciamento e controle, ou mesmo sistematizando verdades que definem o perfil do sujeito da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso, Positividade, Metodologia, Processos de Comunicação

INTRODUÇÃO

Em agosto de 2018, a Agência Brasil publicou matéria falando sobre o aumento de suicídio entre jovens de 15 a 29 anos, afirmando que essa vem sendo a principal causa de morte nessa faixa etária, segundo dados da OMS. No Brasil, entre 2011 e 2016, observou-se aumento dos casos notificados de lesão auto corpórea nos sexos feminino e masculino de 209,5% e 194,7%, respectivamente. Ainda segundo a matéria, um outro artigo escrito por pesquisadores da Universidade de San Diego³ sinalizou que adolescentes mais expostos aos dispositivos eletrônicos manifestaram menores níveis de autoestima, satisfação com a vida e felicidade. Um outro estudo, desenvolvido pela mesma universidade, intitulado *Detecting Emotional Contagion in Massive Social Networks*⁴, afirma que conteúdos positivos afetam e mobilizam mais as pessoas do que os conteúdos negativos. Parece fazer sentido que, em uma

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura - ECO/UFRJ

³ Twenge, J. M., Martin, G. N., & Campbell, W. K. (2018). Decreases in psychological well-being among American adolescents after 2012 and links to screen time during the rise of smartphone technology. *Emotion*, 18(6), 765–780. <https://doi.org/10.1037/emo0000403>

⁴ *Detecting Emotional Conta Massive Social Networks*. <https://pubmed.ncbi.nlm.gov/24621792>

sociedade machucada e insatisfeita com a vida, haja maior busca por entretenimentos que tragam motivação para seguir em frente. Entre os 14 e 18 anos, ser aceito pelo grupo é fundamental para uma existência plena. Não corresponder às expectativas do grupo é um risco que nenhum deles quer correr. E ter que silenciar esse sentimento poderia estar criando uma espécie de estocagem de mágoa e angústia, que só encontram vazão na esfera não digital, isto é, no mundo presencial.

Como dispositivo de disciplinar (FOUCAULT, 2007), a escola foi durante muito tempo um ajustador dessa animosidade, através de práticas para a docilidade dos corpos ali presentes. Na contemporaneidade, entretanto, quando o questionamento e a diversidade, felizmente, são estimulados, toda a potência de variação comportamental encontra passagem. Por outro lado, num passado onde não existiam as redes digitais não havia tanta preocupação com as consequências de uma exposição. A câmera, que muito raramente aparecia em nossa frente, era só isso, uma câmera, não era um outro sujeito. O que para ela fosse dito não tinha tanto valor assim. Um repórter que conduzisse uma entrevista tinha mais possibilidade de extrair uma verdade, porque ele era o sujeito. No mundo com profusão de meios e com poucos mediadores, a exposição encontra potência, quase na mesma medida em que gera alguns riscos sociais.

A EXPOSIÇÃO ATRAVÉS DAS DÉCADAS

Nos anos 80, a TV Manchete apresentava semanalmente o programa Documento Especial. Logo no episódio de estreia, uma jovem de 18 anos, Angela Moss, destilou sem freios todo o seu asco por pessoas pobres. Naquela entrevista, a jovem Moss disse, entre outros absurdos: “É sujeira você pegar uma pessoa que mora em Ipanema, uma pessoa bem-vestida, legal, que tem educação e colocá-la na praia no meio de um monte de gente que não tem educação, que veio do mangue, eu morro de nojo⁵.”

Em 2015, uma outra reportagem resgatou o histórico desses eventos e rerepresentou o vídeo com a fala da moça em um canal do YouTube, e junto veio o cancelamento de Angela Moss. Ela alegou que sua entrevista foi editada, mas não convenceu. O que ela disse foi puro discurso de intolerância, que hoje tem um nome conhecido, aporofobia⁶. Hoje ela é advogada,

⁵ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150923_angela_moss_video_internet_rb

⁶ O termo criado pela filósofa espanhola Adela Cortina traduz uma patologia social que se manifesta na aversão a alguém que é percebido como diferente. Em grego, a palavra á-poros significa “sem recursos”, portanto, o termo significa “rejeição ou aversão aos pobres”.

e seu perfil no Instagram tem postagens muito alinhadas à positividade. Ela amadureceu, mas...Será que não há nada daquela menina nesta senhora, ou desta senhora naquela menina?

Vejam agora um outro caso. Maria Silva (nome fictício) é uma jovem senhora, moradora do bairro de Bangu, zona oeste do Rio. Maria é portadora de uma doença autoimune que causa dores permanentes e, por conta dessa mesma doença, não pôde ter filhos naturais. Ela mora com sua mãe, de 80 anos, com incapacidades motoras advindas de um câncer e com um sobrinho neto que cria como seu filho. Maria perdeu seus três irmãos, um assassinado, nos anos 90, e os outros dois para a covid 19 durante a pandemia. Apesar de todos esses acontecimentos, seu perfil no Instagram está recheado de postagens de positividade. A positividade, tão presente nas postagens de Maria, é quase uma questão de sobrevivência, para ela e para muitos a quem ela inspira.

Refletindo sobre esses dois casos, e aprofundando-se na inquietação epistemológica, pergunta-se: a quem servem esses discursos? Há um discurso de positividade que pode blindar pessoas como Angela Moss, mas há um discurso de positividade que pode estar ajudando a curar as feridas de Maria Silva. No primeiro, ele, o discurso, cria uma rede protetora para uma integrante de uma classe privilegiada, na outra joga a mesma rede para trazer as pessoas para perto de si e protegê-las. A rede, nos dois casos, é o discurso da positividade.

Friedrich Nietzsche, em muitas de suas obras, repetiu metáforas e aforismas para tratar de suas reflexões. Em uma delas, utilizou aranhas e abelhas para falar sobre ‘verdades’ (NIETZSCHE, 2007). Para ele, as verdades são produzidas conforme as condições de suas necessidades e possibilidades de existência. A verdade é, portanto, variável. Nessa perspectiva, o autor compara duas verdades, a da aranha e a da abelha. A verdade da aranha é a teia. É algo que sai de dentro dela, atrai a presa, que quando capturada serve apenas à própria aranha. Já a verdade da abelha é o mel. A abelha sai da colmeia, busca o néctar nas flores, volta para a colmeia, fabrica o mel que serve a ela, às outras abelhas e a outros animais que fazem uso do mel como alimento. Se utilizarmos a metáfora de Nietzsche para consolidar a linha de pensamento desta pesquisa, poderíamos pensar que a teia seriam as mensagens de positividade que interessam às classes privilegiadas. Elas mostram um mundo supostamente possível para todos, basta querer e ter bons pensamentos e boas atitudes. Essa abordagem acaba por silenciar a audiência/expectador dos perfis, pois poucos se prestam a se expor confrontando a incoerência, a hipocrisia e os absurdos que por vezes trazem essas mensagens.

Já o mel são as mensagens de positividade das classes menos favorecidas. É o pensamento comunitário que estimula a pensar o bem para se manter vivo, e até mesmo mobilizar para ações concretas através dos exemplos. Um post de alguém ajudando em um mutirão comunitário convoca a todos para o mutirão ou, ao menos, convida para pensar que suas mazelas não são diferentes das de outras pessoas, e que se precisa ter mais fé em Deus para poder superá-las. Essas mensagens servem a um grupo de pessoas que, não tendo mais com quem contar, conta apenas com o divino ou com eles próprios. Mas tanto uma quanto a outra mensagem servem a uma sociedade que se deseja estável, sem questionamentos e regulada com o conformismo diante das desigualdades sociais. Se “nunca foi sorte, sempre foi Deus”, o que se há de fazer então? Essa é uma afirmação muito mais palatável do que, “Nunca foi sorte, nem Deus, foi tudo fruto de grupos privilegiados que não querem dividir nunca o que têm”.

Subjetividades e Redes Sociais

A vulnerabilidade humana ainda não aprendeu (tampouco sabemos se aprenderá) a se imunizar contra as armadilhas do convívio digital. Já há entre muitos pesquisadores a defesa da necessidade de um letramento para o convívio digital, mas ainda não sabemos ao certo como isso funcionaria. Mas é fato que precisamos compreender os discursos construídos pelas redes e para elas que interferem nos modos de convívio digital.

A presente pesquisa pretende se debruçar sobre isso e se utilizará do método da Análise do Discurso, partindo da hipótese de que há uma exaustão, entre determinada faixa etária, daquilo que aqui chamaremos de Estatuto da Positividade. Mas, ainda que sob exaustão, esse discurso continua interferindo nos processos de subjetivação. Para a busca da comprovação dessa hipótese pretende-se utilizar como metodologia central a análise do discurso na perspectiva de Pêcheux (1975), focando em sua materialidade, no entendimento de que há um sujeito autônomo presente nele, e que determinado viés ideológico tanto produz o discurso no sujeito quanto interfere na formação de outros sujeitos.

A pesquisa terá como base conceitual os regimes de verdade produzidos na contemporaneidade e os processos de subjetivação gerados e constituídos por esse regime. Acredita-se que a estruturação do sujeito segundo os regimes de verdade de um tempo é constituída a partir das condições de possibilidades deste tempo. Os itens presentes neste

regime de verdade passam por modelos éticos e morais, procedimentos, rituais e interesses históricos que desejam uma sociedade estável. Para sustentar esse pensamento, teremos como espinha dorsal bibliográfica os três últimos cursos de Foucault no Collège de France, hoje publicados nas suas três últimas obras: *Subjetividade e Verdade*, *A Hermenêutica do Sujeito* e *A Coragem da Verdade*. O teor filosófico dessas obras convidam ao diálogo com os escritos gregos, que serão estudados a partir do olhar de Amaral (2015), tendo como referências os volumes 1 e 2 da coleção *Assassinos do Sol*. A abordagem crítica à crescente indústria do bem-estar, e seu alinhamento com o pensamento neoliberal criam o que Stengers (2015) e Brown (2019) tratam como subjetividade neoliberal, que também devem compor o arcabouço teórico da pesquisa. São mensagens que valorizam a meritocracia, o sujeito empreendedor de si mesmo, o autorreferenciamento. Em última análise, o que se buscará é a sustentação teórica para a defesa de que as mensagens de positividade, se tomadas como corte de análise temporal, fortalecem o entendimento de que o sujeito do início do século XXI seria, permanentemente, bom e feliz. O que, na perspectiva da vida fora da esfera virtual, não condiz necessariamente com a verdade/realidade. Há angústia no nosso tempo, há fome, há perdas, há incertezas. Mas as representações do sujeito na rede não trazem este retrato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, as redes sociais digitais são as protagonistas da Comunicação Social. Não há planejamento de comunicação que não dê especial atenção a elas, e os discursos que nelas se representam têm recebido atenção também das pesquisas no campo da comunicação. Compreende-se aqui a aderência do tema aos estudos de Comunicação e Cidadania - na medida em que, se propondo ao olhar observador para um público em formação, pretende trazer formas mais saudáveis de convívio, mas também de comunicação e política, comunicação e sociabilidade, cultura das mídias, materialidades digitais, entre outros. Um entendimento inter e transdisciplinar, mas não incoerente, uma vez que a inovação habita no campo da compreensão do fenômeno. Se tentar suportar a realidade com um eterno pensamento positivo é a prerrogativa de existência da história humana contemporânea, que sejamos os pioneiros a medir a sua eficácia e seus efeitos colaterais, a fim de trazer ao menos propostas para novas formas de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Marcio Tavares d'. **Os Assassinos do Sol: uma história dos paradigmas filosóficos**. vols. 1 e 2. Rio de Janeiro, Editora UFRJ. 2015.
- BROWN, Wendy. **Nas Ruínas do Neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo. Editora Politeia, 2019.
- BUCKINGHAM, Will et al. **O Livro da Filosofia**. São Paulo. Globo. 2011.
- ECO, Umberto. **Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção**. São Paulo, Companhia das Letras. 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**. São Paulo, WMF Martins Fontes Editora. 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo, WMF Martins Fontes Editora. 2019.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**. São Paulo, WMF Martins Fontes Editora. 2019.
- GILL, Rosalind. **Análise de Discurso**. In: BAUER, M., GASKELL, G. (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução de Pedrinho A. Guareschi .3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich.. **Sobre Verdades e Mentiras no Sentido Extra-moral (Obras incompletas)**. São Paulo: Abril Cultural, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas SP. Edit Unicamp, 1975.
- STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**. Cosac & Naify Editora. São Paulo. 2015.